

A
ESTRADA
DOURADA

LUCY MAUD MONTGOMERY



A
ESTRADA
DOURADA

TRADUÇÃO
NANCY ALVEZ


Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2020 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Texto
Lucy Maud Montgomery

Produção editorial e projeto gráfico
Ciranda Cultural

Tradução
Nancy Alvez

Imagens
Nimaxs/shutterstock.com;
sabri deniz kizil/shutterstock.com;
New Line/shutterstock.com;
Seita/shutterstock.com;
Fona/shutterstock.com;
Wilm Ihlenfeld/shutterstock.com;
Aniwhite/shutterstock.com

Revisão
Edilene Rocha

Diagramação
Fernando Laino

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

M787a Montgomery, Lucy Maud

A estrada dourada / Lucy Maud Montgomery ; traduzido por Nancy Alvez. - Jandira, SP : Principis, 2020.
288 p. ; 15,5cm x 22,6cm. - (Clássicos da literatura mundial)

Tradução de: The golden road
ISBN: 978-65-5552-250-1

1. Literatura infantojuvenil. 2. Literatura canadense. I. Alvez, Nancy.
II. Título. III. Série.

2020-2968

CDD 028.5
CDU 82-93

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 82-93

1ª edição em 2020

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

SUMÁRIO

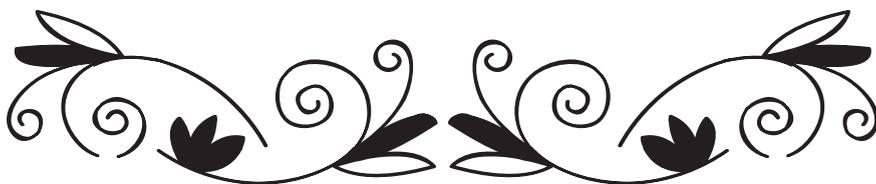
Prefácio	11
Uma nova partida	13
Uma vontade, um jeito, uma mulher.....	20
A harpa de Natal	28
Resoluções de Ano-Novo.....	38
O primeiro número do <i>Nosso Periódico</i>	50
A visita da tia-avó Eliza.....	61
Visitamos a prima Mattie.....	77
Visitamos Peg Bowen.....	82
Extratos dos números de fevereiro e março do <i>Nosso Periódico</i>	98
O desaparecimento de Paddy	109
O ossinho da sorte da bruxa	117
Flores de maio	122
Um anúncio surpreendente.....	129
Um filho pródigo retorna	136
O roubo da mecha de cabelos	146
A história da tia Una.....	153
O casamento da tia Olivia	159
A “ajuda” de Sara Ray.....	166
À luz das estrelas	176

Extratos do <i>Nosso Periódico</i>	181
Peg Bowen vai à igreja	192
A tempestade ianque.....	203
A heroína das missões	208
Uma revelação tentadora.....	216
A história de amor do Homem Esquisito (escrita pela Menina das Histórias)	223
O tio Blair volta para casa	236
A antiga ordem se altera	244
O caminho para Arcádia.....	250
Perdemos um amigo	261
Profecias	267
O último número do <i>Nosso Periódico</i>	273
Nossa última noite juntos.....	281
A Menina das Histórias vai embora	285

*“A vida era uma companheira de lábios feitos de rosas,
De cujos dedos gotejavam flores roxas.”*

A AUTORA

Em memória da tia Mary Lawson, que
me contou muitas das histórias narradas
pela Menina das Histórias.

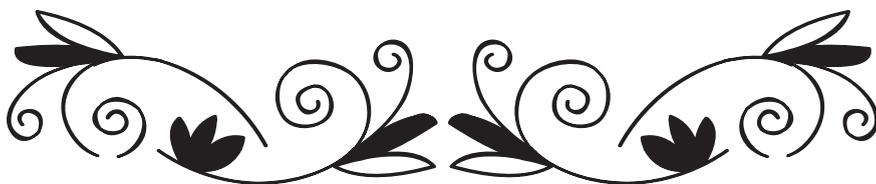


PREFÁCIO

Era uma vez, um tempo em que todos caminhávamos pela estrada dourada. Era linda e atravessava a Terra dos Prazeres Perdidos, onde as sombras e o brilho do sol se misturavam de forma abençoada. Onde a cada curva e declive, um novo encanto e beleza se revelavam aos corações ansiosos e aos olhos puros.

Na estrada, podíamos ouvir a canção das estrelas matutinas; podíamos beber das fragrâncias aéreas e suaves como as névoas de maio; éramos ricos em fantasias luminosas e esperanças matizadas; o nosso coração buscava e encontrava a dádiva dos sonhos; os anos aguardavam lá na frente e eram muito belos; a vida era uma companheira de lábios feitos de rosas, de cujos dedos escorriam flores roxas.

Podemos ter deixado a estrada dourada para trás há muito tempo, mas as lembranças que dela nos ficaram são nossos pertences mais preciosos e aqueles que as prezam poderão, talvez, por acaso encontrar um prazer especial nas páginas deste livro, cujos personagens são peregrinos na estrada dourada da juventude.



UMA NOVA PARTIDA

– Pensei em algo divertido para o inverno – anunciei quando nos juntamos, em um meio círculo, diante do fogo magnífico na cozinha da casa do tio Alec.

Um vento selvagem tinha soprado ao longo daquele dia de novembro e o crepúsculo o encerrava agora com umidade e mistério. Lá fora, rajadas de vento assoviavam, batendo contra as janelas e os beirais, e a chuva parecia brincar sobre o telhado. O velho salgueiro junto ao portão se contorcia em meio à tempestade. O pomar se tornara um lugar de melodias estranhas, suportando todas as lágrimas e os medos que assombravam os corredores da noite. A melancolia e a solidão do mundo exterior, porém, pouco nos interessavam. Nós as mantínhamos a distância com a luz do fogo e as risadas de lábios jovens e despreocupados.

Estávamos envolvidos em uma ótima brincadeira de cabra-cega; isto é, no começo foi ótima, mas depois perdeu a graça porque descobrimos que Peter estava se deixando pegar de propósito para ele próprio ter o prazer

de pegar Felicity, o que sempre conseguia fazer, não importava o quanto apertássemos a tira de pano que vendava os olhos dele. Que grande simplório afirmou, um dia, que o amor é cego? Qual nada! O amor consegue enxergar através de cinco dobras de tecido grosso, isso sim!

– Estou ficando cansada – Cecily se queixou, já com a respiração acelerada e as bochechas, quase sempre pálidas, agora donas de um rubor fora do normal. – Vamos nos sentar e pedir para a Menina das Histórias nos contar mais uma.

No entanto, quando nos sentamos, a Menina das Histórias olhou para mim expressivamente, me indicando que aquele era o momento certo para apresentar o plano que ela e eu vínhamos, há dias, desenvolvendo em segredo. Na verdade, a ideia toda tinha sido dela, não minha. Mas ela insistira em que eu a apresentasse como sendo totalmente de minha autoria.

– Se não for assim, Felicity não vai aceitar. Você sabe, Bev, como ela tem sido contra tudo o que sugiro ultimamente. E, se for contra, Peter logo será também, aquele tolo! E não vai ter graça se não participarmos todos.

Não tive como dizer não a esse argumento. Por isso introduzi minha sugestão quando, por fim, nos sentamos diante do fogo.

– Muito bem, o que foi que pensou? – Felicity quis saber, arrastando a cadeira um pouco para longe da que Peter ocupava.

– Bem, é o seguinte: vamos desenvolver nosso próprio jornal. Vamos elaborar e colocar nele todas as atividades que fizermos. Não acham que vai ser divertido?

Todos me pareceram um tanto quanto inexpressivos e surpresos, exceto a Menina das Histórias. Ela sabia o que tinha de fazer e o fez bem.

– Mas que ideia boba! – exclamou, jogando as madeixas castanhas para trás. – Até parece que conseguiríamos fazer um jornal...

Felicity logo se pronunciou contra, como ela havia previsto:

– Acho que é uma ideia esplêndida! – apoiou, com entusiasmo. – Eu gostaria de saber por que não conseguiríamos produzir um jornal tão bom quanto os da cidade! O tio Roger reclamou que o *Diário de Empresas* está

decadente; que tudo que publicam é “que uma velha colocou um xale na cabeça e atravessou a rua para ir tomar chá com outra velha”. Acho que podemos fazer melhor do que isso. Precisa parar de achar, Sara Stanley, que só você sabe das coisas e mais ninguém.

– Tenho certeza que seria muito divertido – Peter concordou de imediato. – Minha tia Jane colaborou na publicação de um jornal quando estava na *Academia da Rainha* e disse que foi bem legal e que a ajudou muito.

A Menina das Histórias baixou os olhos e fechou o cenho, escondendo com perfeição seu contentamento.

– Bev quer ser o editor, mas não vejo como, já que não tem experiência alguma. De qualquer modo, seria muito complicado – comentou.

– Há pessoas que têm tanto medo de serem incomodadas, não? – Felicity rebateu.

– Acho que seria gostoso – Cecily opinou timidamente. – E nenhum de nós tem experiência como editor. Pelo menos não mais do que Bev, então não faria diferença.

– Nosso jornal vai ser impresso? – Dan perguntou, já embarcando na ideia.

– Não, não – respondi. – Não temos como imprimir. Vamos apenas escrever. Podemos comprar papel almaço do professor.

– Na minha opinião, não vai ser um jornal se não for impresso – ele insistiu.

– A sua opinião não importa muito – Felicity comentou.

E ele ironizou:

– Obrigado.

– É claro que, se todos vocês quiserem, também vou concordar – a Menina das Histórias se apressou a interferir para evitar que Dan se voltasse contra o projeto. – Talvez possa ser divertido sim, agora que pensei melhor a respeito. Podemos guardar as cópias e, quando nos tornarmos famosos, elas valerão muito.

– Se, um dia, algum de nós ficar famoso – Felix ressaltou.

– A Menina das Histórias será – preenciei.